

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANIGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAEFANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º entrega	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1311
Portugal (franco de portes m. forte)	35000	17500	9500	5120	
Possessões ultramarinas (idem).....	45000	22500	11250	5120	
Estrangeiro e India.....	50000	25000	12500	5120	

Redacção—Administração—Atelier de gravura
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto
Largo de S. Roque, 11 e 12
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

30 de Maio de 1915

Cronica Occidental

Afastemos agora a vista, em redor, do ambito restrito, onde as nossas misérias se debatem relapsas e pequeninas — e alarguemol-a, ao longe, vagamente na direcção da Grande-Guerra. E' que o monstro formidando, robustecido na engorda de muitos annos, não cessa nem cansa, antes assume, dia a dia, aos nossos olhos, maiores e maiores proporções e ameaça envolver, mais do que nunca, todo o mundo na ancia indomita da sua garra. E todo o mundo, enredado na contenda, mal desperta do rãmerãme monotono da vida para a emoção violenta, não cura de razões e apresta-se a tomar parte na carnificina. Em verdade, de que serviria neste ponto o exercicio da análise?... A hora é de factos, não de raciocinios estéreis. Neste momento, raciocinar — equivaleria a permanecer no mesmo sitio. E permanecer seria esperar resignadamente a morte cobarde dos inuteis, isto é, a morte por putrefacção — empregando a frase justa de Gorki. Avançar, avançar, avançar, — eis o grito de comando que vae de monte a monte, e as hostes avançam, de lado a lado, denodadamente.

Para a vida?... Para a gloria?...

Vão talvez de encontro á morte — que importa? — morte de gloria, sacrificio em offerenda na ara santa da Patria.

Dizer isto — é fazer a apologia da actual guerra? Não. Nenhuma guerra nos mereceu ainda, como esta, tanta repulsa. Aceitemol-a, como é forçoso que aceitemos todos os factos consumados. Não ha razão que a legitime, nem intuito que



DR. TEOFILLO BRAGA
NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUESA

a justifique. Guerra açulada por egoismos largos de potencias — tem por origem e por fim nada mais que a ganancia. Não na orienta a defesa duma teoria, nem põe em jogo a propaganda duma ideia. De começo, toda a gente teve a presciencia do absurdo anacronico desta Guerra e por isso seitiu a necessidade de convencer-se de que ela significava a luta desesperada duma Reacção contra o espirito de Liberdade. Nada de mais falso. Nem a Austria e a Alemanha, aliadas com a irrisoriamente denominada Joven-Turquia representam reaccionarismo politico, nem a Inglaterra e a França, de parceria com a Russia conservadora demandam reivindicações sociaes. E' pois de balde que se

nem intuito que a justifique...

Já que ela tenta envolver-nos irremediavelmente, não desviemos dela a face e aceitemol-a como uma fatalidade dolorosissima do destino. Agora, não ha que racionar — ha agir. Estamos num momento em que a analyse, determinando hesitações, enfraquece e desmoralisa. Antes de tomada a resolução da guerra, então, sim, essa analyse, aborrecida de androides, produziria efeitos salutaros.

Se Napoleão fosse analista como Renan — é certo, jámais realisaria o 18 brumario. Mas de que serviu, ao mundo, o 18 brumario? Nada, de nada. E Napoleão faria bem se não no realisasse.

Que efeitos benéficos trará á civilização a Guerra Actual?

faz apêlo de entusiasmo á miseria mistica dos povos. Ninguém pode iludir-se — a Guerra Actual é uma guerra ostensiva de chancelarias. Luta de feroz rapaces que fruiam de logar amplo ao sol — não necessitavam de alimento farto que os abastasse, mas ambicionaram maior campo por onde melhor se refestelassem.

Assim, nenhuma guerra merece, como esta, repulsa e asco dos teoristas.

Sejâmos justos. A responsabilidade tremenda impende esmagadoramente sobre a Alemanha. E' sobre ela que deve vibrar todo o braço guiado pelas indicações da razão.

Cumpre-nos dizer — não somos pacifistas. Apraz-nos sempre defender a guerra — mas guerra armada em defeza dum principio, guerra que seja o veiculo duma ideia, guerra que viva uma reivindicação social. Todavia, repetimos, da Guerra Actual — não ha razão que a legitime,

Meramente, que germanofilos se impõem a dôr de os considerar: — arrasamento da Belgica, derruição de Arras, bombardeamento de Reims e Senlis...

ANTONIO COBEIRA.



Poemas em prosa

In illo tempore

Qual será o motivo porque, á medida que vamos percorrendo a estrada da vida, para uns tão plana e para outros accidentada e coberta de abrolhos, nos detemos a contemplar o caminho andado com uma saudade infinita dos tempos que passaram e que, na maioria dos casos, não foram melhores do que o presente.

Que o digam os filosofos e os psicologos, esses frios escarpeladores do organismo humano.

Por mim só tenho a confirmar este phenomeno relembrando o tempo em que, de calção de veludo, perna ao léo e malinha a tiracolo frequentava as aulas com aquela má vontade de cábula incorrigivel que sempre fui e que, já agora, me preso ainda de ser.

E — ó pasmo! — tenho saudades desse tempo.

Eu que me enervava naquelas horas interminaveis de estudo e de monotonia entrecortadas de recreios na quinta do velho palacio arruinado dos Guiões e, a cada toque de campainha anunciador desses momentos de folga e de mandria soltava um suspiro de alivio; eu que me senti um dia elevado subitamente baloiço ás regiões etereas por um gorducho condiscipulo em delirio; eu que via passar, melancolicamente, as respeitaveis ratazanas que povoavam as grandes salas solarengas e detestava de todo o fundo do meu ser o corpo docente do collegio desde o prefeito — pobre sr. Calado o que será feito dele! — até ao director, gordo, sorridente, cheio de bonhomia, evoco agora essa epoca, perdida nas sombras do passado e, revendo-a sinto a impossibilidade absoluta de voltar atraz...

Lembro-me perfeitamente de que sendo o terceiro na aula olhava — porque não hei-de confessá-lo? — com inveja para o aluno que, pela sua applicação e optimas lições fora guindado á situação realmente invejavel de se sentar á carteira comum em primeiro lugar, sendo encarregado pelo professor de ir tomar as lições aos outros condiscipulos.

Esse sentimento mesquinho teve tanto poder no meu temperamento indolente de pequenino sultão *in partibus* que enchendo-me de brio e ante a estupefacção geral de toda a classe, abri um dia o volumoso *La Place* e dei uma lição de que eu proprio fiquei maravilhado.

Que compensação o condiscipulo numero um; por uma infelicidade para ele inexplicavel e para mim providencial, nada soube e ficou-se embatucado e tragico a contemplar o grande livro aberto na sua frente, como um abysmo...

Fui então, como recompensa, mandado para o lugar dele; e ele, como castigo, removido para o meu lugar, — o terceiro da aula...

Estão decerto a ver o ar importante, ligeiramente protector, com que eu da caneta atraz da orelha e gramatica ne

mão percorri as bancadas da aula, tomando as lições aos meus condiscipulos deslumbrados, que tentavam subornar-me a troco de soldados de chumbo e pennas novas.

Justamente os soldados de chumbo eram o meu fraco.

Pintados, relusentes com um forte cheiro a verniz e uma *pose* toda marcial esses minusculos soldados a pé e a cavallo, deitados em caixas, ás camadas, tinham para mim um encanto singular.

Formados em linha de batalha na minha mesa de jantar davam-me a ilusão das guerras napoleonicas, — Austerlitz, Marengo, Arcole e por fim a devastação de Watterloo, em que a Aguir perdeu as suas asas.

Na minha imaginação excitada erguia-se a figura do corso a cavallo, com o seu chapéu bicorneo, dragões de cacho, calções brancos, uma mão entalada na fardeta e a outra segurando o oculo, investigando ao longe os movimentos rapidos do inimigo.

E ao déspota agrilhado de Santa Elena, ao espectacular imperador que arrancou a corôa das mãos dum bispo para a enterrar na cabeça; ao aluno repudiado de Saint-Cyr; ao obscuro tenente de artilharia e — na sua fase mais gloriosa — ao general Bonaparte, conquistador do mundo, para quem as nações eram presentes com que brindava a familia e os homens, as marcas do seu jogo de xadrez, sucediam-se na minha fantasia, a famosa guarda dos granadeiros — «a guarda morre mas não se rende...» — as celebres cargas de cavalaria de Murat; todos os grandes generaes, soldados de vespera, Bernardote, Lefèvre, Ney, Massena, Sout, Junot, com os seus fardamentos deslumbrantes e a artilharia e a infantaria formada em linhas num chispar coruscante de espadas, bayonetas e canhões.

Devem supôr a grandeza do sacrificio imposto pela minha dignidade ao recusar com indignação as novas unidades de chumbo que se me ofereciam.

Tive, porem, a coragem de faze-lo.

E quando spartano e digno, retomei o meu lugar, foi com a expressão beatifica que nos dá a certeza do dever cumprido que eu contemplei do alto da minha bancada os meus companheiros venaes, que imaginaram corromper-me com seus soldadinhos e apáros novos.

Sim, saibam-no as gerações vindouras, guindado ás culminancias supremas do Magisterio eu tive a força necessaria para me conservar incorruptivel.

Mas a fragilidade das glorias humanas!

No dia immediato fui eu que fiquei embatucado ante o bojudo *La Place* aberto na minha frente, como um abysmo...

E do primeiro lugar da aula passei de novo para o terceiro; e por sua vez o condiscipulo que eu suplantara veio retomar o seu posto e as suas honras que para mim, tiveram a duração efemera das rosas de Malherbe.

Sic transit gloria mundi...

EDUARDO PACHECO



CURIOSIDADES

O maior triumpho de Carúso

Quem já teve a felicidade de ouvir o conhecido tenôr no *Metropolitan Opera*

de Nova-York, mediante a *insignificancia* de algumas dezenas de dollares, contou-me a fascinação que no publico exerce o incomparavel italiano.

É uma voz dum timbre e dum encanto inegalaveis. Tambem se faz pagar nm preço exorbitante: cinco contos por noite! Nada mais, nada menos que os honorarios do famoso Paderewsky, numa hora de piano.

Hoje Carúso (nem podia deixar de sêr) constitúe um monopolio da America; no sentido bom da palavra exploram-no da mesma maneira que o petroleo ou as minas da California.

Quando vem por desfastio até á velha Europa faz disputar em combates de combates de sôcco e de libras os logares do *Covent Garden*. Apostam sobre elle, mais febrilmente ainda do que sobre o melhor cavallo nas corridas, E o bom do italiano, *num desprendimento Jaukee*, ri-se de todos, canta deliciosamente, fuma á doida, e no fim de contas arromba o pé de meia de qualquer burguês argentário, levando-lhe mil guineus por um só concerto.

Mas é uma raridade ou i-lo áquem do Mar.

Os americanos, ao lado dos *trusts* do aço, dos bifes e do sabão, conseguiram lançar com exito o novo *trust* da voz — monopolizando Carúso.

Um dia em Nova-York, o filho unico do empresario Schurmann travou com o tenôr o seguinte diálogo:

— É verdade, senhor Carúso, o que me disse o papá?

— O quê, filhinho?

— Que o senhor tem a mais bella voz do mundo, e é tambem o melhor cantôr que elle conhece?

— Então nunca me ouviste?

— Não senhor.

— Pois bem. Irás ouvir-me amanhã á noite. Mando-te os logares.

— E' impossivel.

— Porquê?

— Porque tenho só oito annos e deito-me sempre á mesma hora em que começa o espectáculo.

— E apesar disso querias ouvir-me?

— Oh! sim, senhor Carúso.

— Pois então has-de vir amanhã ás tres horas ao Waldorf-Astoria; vou cantar só para ti.

No outro dia Schurmann acompanhou o filho ao sumptuoso e riquissimo hotel, na intenção de aproveitar...

— Não, tenha paciencia. Só prometti cantar para o petiz. Em todo o caso se se teima em assistir faço lhe um preço de amigo: 5.000 francos.

Schurmann sahio. Carúso então, naquella sua voz de extranhas modulações cantou ao pequerrucho maravilhado varios trechos da *Tosca*.

Numa irreprimivel commoção os olhos da creança encheram-se de lagrimas; e atirou-se ao pescoço do cantôr para o beijar.

— O Papá não me disse o bastante. E' mais bello que tudo...

Carúso, commovido tambem, delicia-o mais alguns instantes e offerece-lhe depois um grande retrato, com esta simples e adoravel dedicatória:

«Ao meu amiguinho Gerardo Schurmann, a quem devo a maior satisfação artistica.»

Eurico Carúso.

A EDUCAÇÃO MORAL

(Continuado do numero antecedente)

Muitos pais, ao chegarem a casa os filhos, vindos da escola, informam-se dos assuntos tratados aqui e dos métodos como são ensinados. E' então infelizmente vulgar a censura á competência do professor. — O professor disse isso? E' um ignorante. O professor mandou fazer aquillo? E' um ibecil. E' assim por diante até no espirito do aluno, evidentemente inclinado, como deve sê-lo, a aceitar como boa a opinião do pai, se estabelece a desconfiança primeiro e depois o desprezo pelos seus mestres.

Na quasi totalidade dos casos as criticas a que me refiro são profundamente injustas.

O individuo que as faz, se estudou, ha muitos annos, estudou por outros métodos, que os métodos de ensino teem sido profundamente modificados, e modificados depois de porfiados estudos e vastas experiências; estudou por outros livros; nunca ouviu falar de muitos dos assuntos que pertencem ao quadro do ensino actual e que ha anos não eram cursados entre nós.

Ele não acompanhou a evolução do ensino, ele não estudou algumas sciências a que então se não ligava importância, ele ignora o trabalho que as gerações que vieram depois da dos seus mestres de ha 20 30 ou 40 annos, teem produzido... mas ele acha tudo errado e tudo péssimo.

E' injusto, mas ainda quando o não seja, ainda no caso em que um professor é menos bom, comete um erro grave desautorizando-o perante o aluno que, perdendo a confiança do ensino, perde o amor ao trabalho e ao estudo que lhe mostram como inutil ou até como prejudicial.

E' pois indispensavel que o estudante respeite a auctoridade daquêles que lhe foram dados para o dirigir.

Finalmente deixai-lhes a sua autonomia moral.

E' um erro fazer opposição a todas as manifestações da acção espontânea da creança; é um erro vergar-lhe a vontade censural-a por pequenos nadas dando-lhe a impressão de que procederia sempre mal se não tivesse constantemente a evitar-lhe os erros e a dirigir-lhe os passos a acção paternal. Deixai-a quanto possivel livre, ou mais tarde não sabendo usar da liberdade, abusará dela.

A obediencia a estes preceitos quanto não facilitariam a acção moral da escola!

Então, acumulados aqui todos os elementos duma educação perfeita já não seriam duvidosos os resultados.

Mas por mais pessimista que seja a nossa opinião sobre os factores que dificultam a acção da escola sobre o character, nem por isso temos menos confiança no papel que esta é chamada a desempenhar.

E' esta função da escola que vamos tentar esboçar agora.

Ao desejarmos elevar a creança a uma atmosfera moral, devemos lembrar-nos das palavras de Search «Todos os exercicios da escola são potenciais para um resultado moral». Desde já devemos, porem, afirmar que de todos esses elementos é o professor que exerce mais preduravel influencia.

Thking fazendo um inquerito em que obteve as respostas de 50 homens notaveis, sobre o que de melhor lhes fornecêra a escola inferiu da totalidade das respostas que fôra a inspiração proveniente do contacto com os melhores mestres.

Com efeito todas as palavras que os professores proferem, todos os pensamentos que deixam transparecer, todos os actos que praticam todos os gestos ou todas as tendências que manifestam, todo o seu character emfim, manifestado na escola, é um importante centro de imitação.

O professor é o conselheiro e dirigente da criança. Como tal o seu papel é desenvolver-lhe a iniciativa indicar-lhe o caminho do trabalho com o fito não em premios, em notas ou em honras (compensações estas que prejudicam os interesses éticos da criança) mas na satisfação que dá o próprio trabalho e o dever cumprido.

Com efeito a criança a quem ensinam que devem trabalhar com o fito num incentivo daquela natureza está sendo subornada.

O preço com que se obtem o cumprimento do seu dever, desmoralisa-a. Logo que este baixo incentivo desaparece, deixa de trabalhar.

Os pedagogistas americanos que são incontestavelmente os que mais teem avançado neste capitulo proscvem o emprego do estímulo como elemento educativo.

Aos baixos incentivos, dizem eles, devem substituir-se os altos motivos. O trabalho obtido pelo estímulo artificial de nada vale. Não ha prazer no estudo ou na investigação, quando não são o resultado de uma decisiva vontade.

O professor deve pois preparar a expansão dum ser livre. Para isso é indispensavel que ele proprio seja um individuo livre e independente, senhor da sua vida, moralmente autónomo.

«Dá o teu filho a ensinar a um escravo e em vez de um escravo terás dois» diziam os gregos.

Fœrster resumindo o que ao Estado compete neste ponto importantissimo faz considerações semelhantes ás que para a França fez Le Bon em paginas cheias de espirito e de charge. E termina por estas palavras tão oportunas aqui:

Todos os partidarios duma escola em que haja a preocupação dos interesses morais da criança reconhecerão que este progresso não se realizará sem que três condições sejam satisfeitas.

1.ª Dar na formação proficional dos professores, um lugar muito mais importante ao que diz respeito á pedagogia moral, e refundir inteiramente o programa desmasiado abstracto das Escolas Normais onde a memória desempenha ainda um papel por demais consideravel.

2.ª Melhorar notavelmente a situação material do corpo docente afim de que o *surmenagem* os cuidados, os trabalhos accessorios não privem os professores dos descansos, da frescura espiritual e do recolhimento, sem os quais se pode ser um mestre-escola mas não um educador de almas.

3.ª Desembaraçar os programas de muitos detalhes superfluos em quasi todas as disciplinas, reservando-os para as escolas especiais ou profissionais. Substituir a pedagogia do detalhe por uma pedagogia viva que ponha todos os conhecimentos em relação com a vida verdadeira para desenvolver o character tornando-o firme e para dar ao espirito uma inspiração que o impeça de se atrofiar num mister, qualquer que ele seja.

Na escola tudo são oportunidades para influenciar a vida moral.

Nem todos aproveitam, porem da mesma forma estas oportunidades.

Lembra-me de ouvir o professor Brandl de Berlim dissertando sobre os pontos de vista educativos na Alemanha e na Inglaterra, afirmar que, se é verdade que o aluno das escolas alemãs adquire uma vasta cultura literária e scientifica, não é menos verdade que aquelas escolas não se aproximam de longe sequer, nos seus resultados morais das escolas inglesas.

Nestas, dizia o professor Horsburgh numa conferencia duma série que sobre a *Vida Escolar e Universitária* lhe ouvi ha 3 annos em Oxford, é possivel, que se descure um pouco a instrução intellectual, mas não se despreza um detalhe para fazer do aluno um verdadeiro gentleman.

Aquele caso, que conta um conhecido pedagogista, de alunos que apontavam rapidamente no mapa as mais pequenas cidades e rios da China sem no entanto saberem o logar do garfô e da faca numa mesa decente, não podia dar-se com estudantes duma universidade inglesa. As boas maneiras fazem o homem — *manners make the man* dizem, e não ha quem saia duma escola, terminado o seu curso, que não tenha adquirido essas boas maneiras, que não seja verdadeiramente um gentleman. Definir esta palavra é traçar o que sob o ponto de vista moral deve ser o objectivo dum educador.

E este objectivo atinge-o a escola inglesa, produzindo esses seres admiraveis de virilidade, de força de character, de amor da patria, de altruismo, de abnegação e de honestidade que nós só sabemos apreciar quando alguma grande catastrophe, pondo-os verdadeiramente á prova, no-los mostra em toda a sua grandeza.

E' um grande transatlantico que sos-obra no meio do Oceano?

Aí vemos o gentleman indiferente ante a morte, calmo e fleumatico, empregando toda a sua energia de atleta para salvar as fracas mulheres e apavoradas criancinhas. E depois quando já não pode ser util a alguém, que já se afastaram os ultimos barcos com os ultimos naufragos que foi possivel salvar, ergue ao ceu os olhos limpidos e claros que nunca atravessou uma scentelha de odio ou de inveja, solta, em vez de imprecações de desespero ou maldição, algum daqueles canticos ou hinos melodosos que os seus poetas mais raramente privilegiados compuzeram para os grandes momentos de provação, e deixa-se morrer na voragem do naufrágio, feliz por ter cumprido o seu dever.

O esplendor dessa morte que os espiritos egoistas nem sequer compreendem, sintetisa a grandeza moral da educação que recebeu desde o berço.

É na guerra o 1.º corpo do exercito do general Haig que é preciso colocar firme barrando a passagem ao inimigo muito mais numeroso, e impedindo-lhe um movimento talvez decisivo? Lá está o gentleman, sem recuar um passo, possuido do grande papel que a patria lhe atribuiu desdenhando a morte, não por desprezo da vida mas ao contrario porque esta vai ter um valor inestimavel sendo dada em defeza da independencia e da liberdade dos que lá ficaram no seu *home* adorado cheios de confiança nêle e no punhado dos que combatem a volta da Cruz de S. Jorge.

E morre a morte épica dos herois não se lhe crispando a face num rictus de horror, mas entreabrindo-se-lhe os lábios num sorriso de esperança na vitoria e felicidade da patria.

Foi uma educação moral exemplar que produziu este ente admiravel.

Saida de uma familia onde as virtudes domesticas são a regra quasi geral, a criança inglêsa, possuindo uma disciplina de exacte obediencia, encontra na escola a atmosfera propicia para a formação dum caracter perfeito,

Os jogos e sports que são a característica das suas escolas contribuem em grande parte não só para o seu vigor fisico como tambem moral.

O Duque de Wellington costumava dizer que a batalha de Waterloo fôra ganha nos campos de jogos do colégio de Eton e da Universidade de Oxford.

Eu tenho no alcance moral dos jogos sportivos uma incalculavel confiança. Não preconiso nem animo aquela cultura fisica tendente a produzir apenas corpos musculosos, de linhas perfeitas, e mais nada.

E que me lembro das palavras de Tucidades: «Ha muitos vadios na Atica mas os peores são os atletas».

A educação fisica, como começou a ser sciêntificamente organizada pelos suecos, é uma educação completa sendo impregnada de inspirações morais. Não dá só a força dá tambem a coragem e a coragem é um fenómeno principalmente moral.

Ora os jogos sportivos, o box, o tennis, a e-grima e o foot-ball fazem parte dum plano completo de gymnastica sueca.

Não devem praticar se para criar hercules, mas para formar homens normais.

Um corpo normal deve ser a séde dum caracter moral.

O organismo humano é um tal conjuncto de reacções e reflexos que é quasi impossivel possuir riqueza moral sem saude fisica.

A boa saude deve reconhecer-se como a base não só do desenvolvimento intelectual mas de todas as acções morais.

Booker Washington disse «todo o individuo deve a si próprio e á sociedade a que quer ser util, conservar um corpo vigoroso e sadio com os nervos firmes e fortes preparados para os grandes esforços assim como para os desapontamentos e desilusões». A influencia do professor nesta preparação está longe de ser minima.

Falando da acção dos mestres diz Adler:

«Ha sobretudo um campo de influências que eu com o maior interesse desejo recomendar: É que o professor tome parte como os seus discipulos nos seus jogos». Com efeito, assim poderá conservar-se em termos de perfeita amizade com êles ganhando a sua confiança sem de forma alguma descer da dignidade própria.

Assim remover-se-ha aquela barreira que em muitas escolas separa discipulos e mestres, de tal maneira que parece existirem para êles dois mundos diferentes, cada um dos quais não pode ser frequentado pelos habitantes do outro.

Sobretudo, é que nunca se revele melhor o caracter do aluno como quando entregue aos seus jogos de sport.

Então o mentiroso, o desliar, o desordeiro, o egoista, mostram as suas verdadeiras côres, e o mestre tem a melhor oportunidade de estudar estes seres patológicos para tentar a cura dos seus defeitos morais.

E inversamente, os hábitos de meticulosa correção que todos os jogos educativos incutem, vão-se transmitir a todos os actos da vida.

Fair play chamam os inglêses á correção e lialdade extrema nos jogos, e por semelhança chamam *fair play* a todas as acções honestas e dignas.

Fair play é, na guerra, estender o cantil ao inimigo ferido que desfalece com os lábios resequidos. *Fair play* é, na escola assumir a responsabilidade duma infração pela qual um condiscipulo pudesse ser injustamente punido.

Este uso de partilhar com os alunos os seus jogos de sport, diz ainda Adler tê-lo visto praticar com exito aos melhores professores e áqueles cujos ensinamentos obtêm maior exito.

Por minha parte, não tenho desdenhado de o seguir, e das minhas experiências pessoais posso afirmar que nem um único caso ainda registei em que essa minha camaradagem pudesse, ligeiramente que fosse, prejudicar o prestigio que é indispensavel num professor e sobretudo num dirigente duma escola com mil alunos.

Pelo contrario, ao terminar uma dessas partidas de sport com os meus alunos, trago sempre a impressão de que não tendo diminuido no minimo grau o seu respeito, aumentou bastante um factor bem mais importante do que o respeito para o exercicio do papel de educador — a simpatia. E são esses meus parceiros ou adversários dum dia os meus melhores colaboradores do dia seguinte.

E ao falar em colaboradores, eu não hesito afirmar a necessidade que existe para quem ocupa o meu lugar, da colaboração expontanea, lial e franca de todos, mas principalmente dos alunos.

Em todas as escolas, e nas questões que a escola dizem respeito, existe entre os alunos uma opinião publica.

Os americanos, que a escola sabem aplicar, como todas as suas instituições, o mais amplo espirito democratico tem por esta opinião publica profundo respeito.

«O professor que tem tacto, deve dirigir a sua atenção a formá-la, orientá-la, e desenvolvê-la, sem contudo interferir com a liberdade dos seus alunos» diz uma das primeiras autoridades americanas.

Eu professo por essa opinião publica o respeito que ela merece e orgulha me, mais do que tudo, qualquer prova evidente da influencia orientadora que sobre ela eu possa exercer.

Quando por exemplo o ano passado se iniciou aqui um dia, por qualquer motivo futil e provocada por elementos extranhos, uma grêve a todas as aulas, eu não procurei cabeças de motim, não ameacei com castigos, não pensei sequer em repressão.

Dirigi-me á opinião publica.

A dois ou três grupos mais exaltados falei-lhes onde se encontravam, aos restantes chamei-os a uma conferência nesta sala. A todos expliquei a exploração de que estavam sendo vitimas, o prejuizo que a si próprios causavam com o seu procedimento, a simpatia que de si próprios afastavam na defeza pela violência duma causa, ainda por cima absurda.

A maneira americana apelei para a dignidade, considerando-os como cidadãos livres.

Finalmente consultei-os sobre se concordavam comigo. E que eu queria que cumprissem o seu dever, mas livremente.

É que eu sabia o alcance moral que podia tirar daquela situação deixando-os escolher o verdadeiro caminho a seguir.

E sobretudo, mostrei-lhes a minha confiança em que escolheriam o caminho digno.

E escolheram. Em poucos minutos a opinião publica orientou-se... e os alunos entraram todos para as suas aulas.

Para terminar o plano que propuz seguir, direi agora algumas palavras sobre o efeito ético que se pode fazer derivar das lições das diferentes disciplinas do nosso curso.

Não ha ramo de ensino a que o mestre verdadeiramente digno deste nome não possa e não deva dar um alcance moral.

Nas linguas: A escolha de textos é de importância tão primordial que para mim já diz muito a orientação dessa escolha sobre a competência do professor. Nos primeiros anos o valôr, por exemplo, do conto maravilhoso e da fabula são geralmente reconhecidos. Rhys Davids na introdução á sua tradução inglêsa das Jataca Tales fala das fabulas de Esopo como o melhor livro de lições morais que podemos dar ás nossas creanças. Adler, investigando a origem oriental dessas fabulas e aconselhando a proscricção daquelas que exaltam a extrema submissão e outros sentimentos humilhantes provenientes do despotismo oriental, em cujo meio elas foram primeiro compostas, aconselha igualmente as restantes como profundamente moralisadoras.

No estudo das literaturas ninguem deixará de reconhecer como a orientação dum verdadeiro professor pode causar horas de fertil e pura felicidade aos seus alunos.

E depois, pela vida fora, são muitas vezes os gostos literários adquiridos na juventude que vão influenciar algumas, e por vezes, as mais importantes das nossas acções.

(Continua)

ALBERTO MACHADO

A Exposição da Sociedade Nacional

Vae e vem a reduzida multidão dos artistas da minha ter a pelas salas brancas da Sociedade Nacional. Lá fui buscar para esta sensibilidade avida de rythmos, o espectáculo bizarro das grandes festas da luz e da côr.

O Sol, belleza mescula e luminosa, a Arte belleza crystallizada, alliam as melhores pompas na immensidade sem fim do seu genio criador: os Gregos lhes glorificaram a alliança na divindade mais linda e de mais bello marmore de toda a mythologia de pagãos archiartistas; ao deus do carro solar, caminho do zenithe, adoro-o a brandir o açoute na quadriga de fogo, veloz como a estrella cadente. — Apollo athletico, laureado, rubro de papoulas maceradas; ajoelho de corpo e alma quando cithara erguida, mãos nas cordas tensas, tange hymnos luminosos que as filhas ao redor, sempre divinas, lhe escutam attentamente, — Apollo Musageta de túnica lenta ao zéphiros, corôa de rosas brancas nos cabellos ideaes de louro attico.

Accorro pretos ás festas, onde Apollo arrasta como deus e imperador das Artes, Nero hoje, Francisco de Assis amanhã, a tunica da nevoa matutina. E assim me levei ha dias cheio de ancias de luz, á Sociedade Nacional. Esperava encontrar uma romaria de tons alegres, de onde os romeiros levassem, como *registos dos santos*, alguns dos postaes que encontrei á porta. As salas quase um deserto de paredes encrustadas, pareciam grandes, enormes como a nave central de uma sé abandonada. A' volta, lastimosos de cara, iam lentos, ao comprido das paredes, uns grupos aborridos lembravam, no contraste da luz mansa, procição de portas a dentro em que se passeassem no deambulatorio ou no triforio os freires somnolentos de uma confraria de poucos posses. Nem a graça alada das festas das Musas, nem o delirio das pompas, onde o sol illumina as janellas com projecções de ouro.

Mas, ou todos os artistas de Lisboa exposeram as suas bellas coisas e fizeram negaças á festa que era para os outros, ou as Musas não compareceram porque não podessem guardar gravidade em transes taes. Creio que deverão ter sido as duas forças efficientes. E se não acontecesse haver naquelas salas três duzias de encantadas obras de bom quilate, eu teria blasphemado na minha crença, e lá iriam pela agua abaixo as indulgencias do meu Padre-Nosso de cada dia, com tão fervorosa devoção murmurado ao ouvido de Apollo, — ô divino. Por certo que no aspecto do conjuncto, a exposição é superior á do anno passado. São porém tão banaes uns cincoenta quadros, e tão mediocres os quatrocentos e tantos restantes, que eu nem sei como pensar na dissolução da sensibilidade esthetica da quase totalidade dos expositores, na maioria rapazes na idade das phantasias e das torres de marfim, e muitas damas de tão triste presença que não descubro como honrem a finura do sentimento feminino nem, muito menos, me vejo capaz de descortinar a utilidade das chamadas artes femininas, — nesta exposição mal representadas, aliás, — como tambem a das receitas de pudins. Por isso as nove filhas de Apollo fugiram da festa; não que ellas são artistas, natas e innatas!

Eu que anciava por uma demonstração cabal de que estava illudido, em uma heresia de lesa-patria, acreditando em tudo menos no renascimento litterario, artistico, historico, politico, etc. vou de parar na exposição official dos artistas de Portugal, na metropole do país, com a mais completa prova confirmativa dos justos pesos e medidas da minha teimosia sceptica. Não ha litteratura de novos, estes nascem velhos, e os que fazem novidades ainda são os que já envelheceram. Não ha musica; os musicos mortos faziam hymnos ou peças para casa, que pouco valôr, além do historico, poderam deixar-nos; os musicos vivos tem muita technica, mas falta-lhes o principal: o genio criador; vejiam a pobreza de compositor que é Vianna da Motta, apesar das suas mãos de ouro, sonoras como um carrilhão; Ruy Coelho tem lá dentro qualquer coisa, e chegaria a dizê-lo como o pobre André Chénier se fosse ao cadafalso, do que o livre Deus, mas não pôde ainda, como apostolo, falar aos eleitos. Entre pintores, alguns apparecem, novos, cheios de vivacidade e de um tal encantamento, que deante dos que lhes vêem a producção recorram, não a morte do soneto de Quental

Estava a Morte em pé allí deante...

mas a phrase estereotypada dos napolitanos que tanto interessou D'all'Onagro: «*Chisso é troppo bello*». Formam um grupo notavel, promittente, e

é tão grande o seu valor acima de todos os outros companheiros de Artes (parecem elles todos eguaes!) que immediatamente ao vê-los constituem a attracção de todo o estudo, e prendem todos os graus de finura e de energia da sensibilidade esthetica. E' porém um numero tão reduzido que apenas mantem em Portugal as tradições dos mestres e da poesia natural. Entre esta pleiada de pintores que têm um logar definido, e muito promettem está Constantino Fernandes; o retrato que expõe, unico trabalho com que se apresentou, seria em todos os certames deste genero, em toda a parte, uma real maravilha; a leveza de factura, a combinação suave e perfeita da côr, o relevo a simplicidade do fundo, sem habilidades mysteriosas de pincel truculento, em que o contraste não perde, são de admirar pela verdadeira expressão artistica de um estylo crystallino, de uma transparencia que faz da Ex.^{ma} Sr.^a D. S. B. uma figura de ballada. E' de notar que a discipula que já no anno passado se apresentou bem, a Sr.^a D. Sophia Baerlein, honra o mestre em uma natureza moita de mui bom gosto. Este retrato é a *mascolle* da festa.

Do numero dessa ala de pendão verde, como os namorados de Nuno Alvares, fazem parte a seguir os que vou mencionar por ordem alphabetica, seguindo o catalogo: — Alves Cardoso: dá bellos retratos, leves e preciosos, cuja technica muito clara e vigorosa tem por vezes uma originalidade de bom valor; na *lição de leitura* continua o retratista na exhibição de gracilidade infantil, bem composta a scena; mas aqui, e num ou outro retrato, sente-se a pressa com que trabalha, vê-se-lhe escapar das mãos o pincel, o que por seu merito deve evitar;

— Carlos Bonvalot, progrediu desde o anno passado quando não esperava eu, que o vi tão ingenuo por vezes, mostrando que sabe sabia aprender a pintar: a *Mephistophelica* é um retrato de mulher, de riso provocante, cheia de graça, onde a coloração se conjuga em contrastes bem dados; igual nota colhe o *Melancholismo*, de um sentimento delicado, mas que o pintor teve a infeliz ideia de pintar em cartão; a boa maneira pessoal e attraente, salva-lo-ha de algumas faltas; — Cunha e Andrade, pode, se quiser, vir a ser um bom paisagista; tem um bom diapásio do colorido português que não se vê em alguns dos paisagistas conhecidos já, e muito reclamados nas chronicas jornalistas, como é José Campas que só apresentou uma paisagem boa talvez e essa de Fontainebleau, e não tem côr portuguesa alem de outros defeitos de paisagem, ou Gilberto Renda, que não incluo no numero dos que muito promettem: o qual fez uma *Margem do Rio Minho*, das melhores coisas que expôs, mas só do Minho no desenho, não na côr; — Dordio Gomes tem especialmente muita alma; o quadro *Ar livre* é de uma tal unção esthetica, quer na composição, quer na forma, que se esquecem os erros da criança que está de pé; as naturezas mortas são adoraveis, e a das uvas e pecegos é perfeita; — Martinho Gomes da Fonseca expôs dois desenhos e duas aguarellas; como desenhador, á parte Constantino Fer-

nandes que é impecavel, Martinho é dos novos quem se colloca em primeiro logar, e tão notória se faz a purria do desenho que Martinho, pela perfeição dos desenhos apresentados na exposição da Sociedade Nacional, é qualquer coisa como um duende que toma côr nas aguarellas rapidas e bem coloridas; sinto que Martinho será com Antonio Carneiro, já feito, o continuador do grande artista do desenho em Portugal, Domingos Sequeira; — Lucena, tem duas paisagens boas, e pela exposição do anno passado no Ohiado espera se mais do que por estas paisagens, muito embora valor; — Abel Manta com o *Fim da tarde* mostrou que sabe pintar, e se não pinta mais é porque não quer; — José Joaquim Ramos, mancha bem, e por ser official do exercito não deve deixar honra de artista em sacco alheio; — Tertuliano Lacerda Marques estreou-se com seis aguarellas bem feitas, de bom desenho, que com as duas de Martinho Gomes da Fonseca, são o que vale a secção de aguarellas onde ha verdadeiras calamidades; continue a bem, como em boa hora se estreou.

Convem lembrar um aguarellista que faltou. Quando se diz cá dentro e lá fóra, como succedeu recentemente com o livro inglês *Portugal Progressive*, que Alberto de Souza é o primeiro aguarellista, torna-se necessario dizer para bem dos Manes de Paolo Sala, Carcano, Bazzaro, Bernard, Moreau, Rochegrosse, Whistler, etc., e para honra dos desenhadores de Portugal, que nem aquillo é boa aguarella, nem aquelle artista, que desenha pouco e mal, se como para com Roque Gameiro e especialmente com o Dr. Alves de Sá. A exposição deste aguarellista foi a demonstração de que hoje aguarella, como esse genero deve ser comprehendido, leve e de uma largueza luminosa, só elle a consegue. E nesta exposição da Sociedade Nacional foram os dois artistas citados, os unicos que de tantas aguarellas souberam aguarellar. Era curiosa uma analyse de aguarellas portuguesas. Além de que nestes assumptos, na falta de critica, affirmar é excluir valores, e sobre tudo quando se quer dar primazia.

Os bons, de gemma authentica e que promettem mais ou menos longinquamente o pleno uso das suas faculdades, são este onze, faltando um porém á chamada. Ora, não são onze, e mesmo em eclosão differente, os artistas que deixarão escripta uma epoca renascente.

Entre os escultores sobresaem: — Anjos Teixeira com um bronze caracteristico; — Francisco Santos com um grupo *Um beijo*, magistral de arranjo e de elegancia; — Raul Maria Xavier, que é a primeira vez que concorre a uma exposição, figura nella com tres bustos de valor, sendo um delles um retrato expressivo de *Nini*, a que deu uma forma facil e ousada que nada prejudicou a belleza infantil e graciosa da criança.

Tambem aquí falta um rapaz de grande valor na arte moderna de Portugal; refiro-me a Maximiano Alves; expôs o projecto do monumento de Camões em Paris, do ultimo concurso; se tem figuras bem lançadas como o grupo das Nymphas, na rectaguarda do fuste sobre o envasamento, foi infeliz no Camões, e em outras figuras, onde não incluo os altos relevos do fuste.

Os Mestres conservaram o seu logar. Columbano, como sempre, é o foco larario da exposição. Os retratos, que lá tem, são quase todos conhecidos, e de novo creio haver o retrato do actor Augusto Rosa que é uma maravilha simplesmente. A expressão do modelo foi bem reproduzida, e as modalidades de tom, de contraste, a composição do indispensavel, tomem na sombra luminosa e colorida do Mestre um vulto não vulgar nelle mesmo. O *melão* é mais um quadro novo tambem para as naturezas mortas, de que o mestre tem do melhor de hoje.

Carlos Reis salvou bem e muito bem a fraca figura do anno passado, em que se collocou como não devia. As *engomadeiras*, em feliz hora compradas para o Museu de Arte Contemporanea, são uma das melhores obras que tem feito. Branco com branco devia dar um quadro futurista. Mas Carlos Reis mimoseou com tão bom gosto as gradações que o quadro é um encanto. No Museu irá refazer os creditos que o *regresso da Feira* acaso lhe rouba.

José Malhóa tambem este anno se fez lembrar como grande pintor, e fóra do genero predilecto da borracheira, que dava a lembrar que em Portugal só ha de pittoresco a bebedeira nacional. A *varanda dos rouxinos* vale mais que um soneto galante de minuete, de Julio Dantas. E' o mestre da pintura de ar livre, e fica muito bem ao lado de Columbano. Só irrita para a vizinhança dos dois, a Sr.^a D. Milly Possoz que pinta mascaradas e



«CONTENTO» — ESCULTURA DE JULIO VAZ JUNIOR

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



«RETRATO DO EX.^{mo} SR. DUQUE DE PALMELLA»
Quadro de Carlos Reis



«VELHO OLIVAL DA JUNQUEIRA» (Paiol) — Quadro de R. Christino



«SOL D'AGOSTO» — Quadro de João Reis



«RETRATO DE MEU PAI» — Quadro de L. de O. Burnay



«FLORES» — Quadro de D. S. M. Ribeiro



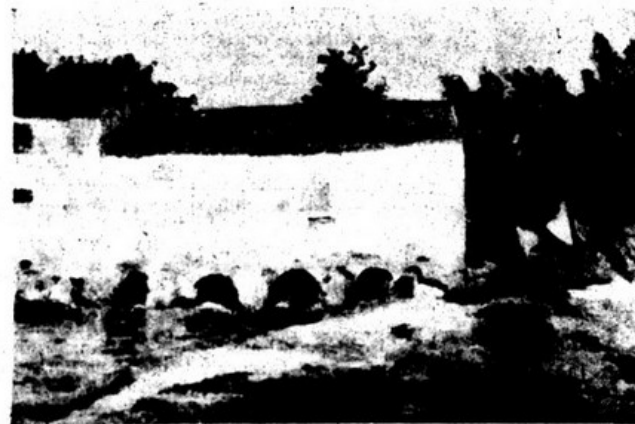
«QUANDO VEM O PAESINHO DA GUERRA?»
Quadro de F. R. Esteves



«P. DA SALGUEIRINHA» — Quadro de J. Marques



«ILLE-ET-VILAINE» (Redon) — Quadro de A. M. da Saude



«MOINHO DOS GAFOS» — Quadro de A. Costa



«ENCANTO» — Quadro de J. V. Salgado



«TARDE NA PRAIA» — Quadro de A. Guedes

figuras de feira, a oleo, a aguarella, a tudo, até que um pontífice da arte ou de intimidade lhe peça que não faça mais daquelles attentados contra o bom gosto feminino, e crimes de lesa-vista.

João Vaz consegue nalguns quadros de marinha ser muito attraente, mas a falta de variedade, e creio que o aborrecimento que lhe não deixa acabar o que faz, tira grande parte do effeito a procurar nas vistas do nosso mar.

Infelizmente, Salgado, ou brinca com o publico, ou está hoje incapaz de continuar a fama e verdade de bom pintor que foi. Atrever-se-hia a pôr ao lado da *Morte de Catão*, o *Encanto*, ou a *Lavadeira*? Não acredito, por honra do seu nome.

Costa Motta entrou no certame como um velho do seculo XVIII, galan e aprumado, num outeiro de jovens cantadores. Trouxe á luz uma estatua de gesso *A Dança*, toda leveza e rythmo. O mestre quiz fazer companhia aos novos e levar pela mão num arripio de bailado, o discipulo que se estreou, Raul Xavier. E lá da velha guarda veio mostrar aos novos quão longe delle estão quase todos. Fez *a Dança* risonha, gentil, torcida a dançarina em um requebro de nympha, como canção campestre da mocidade eterna. Elles, os novos, fazem esculturas banaes, inexpressivas, e de cemiterio.

Em segundo plano é necessario lembrar os carvões de Pinto de Mesquita, os *Invernos* de Frederico Ayres, algumas coisas bem desenhadas mas infantis de Christino da Silva, e azulejos de paisagem tabellar de Jorge Pinto. No pastel, além do retrato do pintor Catalão e de uns estudos feitos por Bonvslot. e de um estudo de D. Adelaide da Lima Cruz, que são bons, podia ter sido tudo rejeitado que não fazia pena.

Entre as senhoras, a par das duas já citadas e de bom nome a criar, que eu adivinho gentis e de lindas mãos, pelo que pintam, está D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro que expos rendas com ornatos de rosas que caíram na sala illuminada como nuvem desfeita. D. Isabel Ribeiro mandou para a sala de Columbano um estudo de natureza morta de bellos reflexos e abundancias de vidro. D. Philomena de Freitas pode chegar a pintar com boa mestria se se der a bom estudo; mas ha-de modificar o seu estylo de cabeças inclinadas, tendencia prejudicial mesmo quando queira imitar Greuze.

Esqueciam-me as melhores flores de exposição, os *Rhododendros* de Antonio José da Costa. A côr branca da flôr oppõe-se tão delicadamente ao verde escuro das folhas grandes, que o pintor lhe deixou toda a frescura tumida; de uma technica boa, o quadro prende e suggestiona pelo sentimento artistico. Bemvindo Ceia sahio com umas *uvas* deliciosas, que as de José de Brito, pesadas, embora bem pintadas, não conseguem esquecer. Uns lilazes deste mesmo artista tem uma nebulosidade colorida, e de boa frescura. Saude apresenta uma agradável paisagem de França que é de uma bella poesia, e technica sã.

O resto é o modernismo dos preguiçosos e dos incompetentes. E' a immensa banalidade que fez neurasthenicos. E' a colocação irritante de um concurso de estampas ou projectos de tapetes. E' uma ou outra qualidade afogada pela vontade de sobresahir a fazer asneiras. E' a infinita legião dos mediocres enfatuados que se manifesta. Se a classificação fosse boa, ficariam, duzentos quadros, á vista grossa, mas era uma exposição uniforme, homogenea; perderia a basofia de muitos, mas ganhava o bom nome da arte portuguesa e os creditos da Sociedade, onde expõe todo o bicho careto que faça dois borrões. Acreditem.

D'esta forma conseguirão sempre o resultado d'este anno: uma exposição sem escalas: só coisas boas, e coisas de mediocre para baixo. E isto não nos honra nada. Por isso Apollo desamparou a festa.

LUIS CHAVES



PELO MUNDO FÓRA

O incendio que ha quasi um anno devora a Europa ateou-se agora ainda mais com a entrada da Italia nessa lucta gigantesca entre o mundo latino e o germanico. A nação italiana decidiu-se resolutamente a combater ao lado dos alliados, de sorte que o duelo atinge proporções sem paralelo na Historia e estendendo-se numa linha que vae do Mar do Norte e do Baltico ao Egeu e ao Adriatico, repercutindo-se tambem no mar Negro, no golpho Persico e no mar Indico.

A França, a Inglaterra e a Russia rejubilam com a decisão da Italia, cujo auxilio é duplamente precioso, chegando no momento proprio para que se obtenha o effeito maximo, graças ao peso enorme do seu exercito e da sua esquadra.

Ha trinta annos que a Italia fazia parte da Triplice Alliança, verdadeiro paradoxo diplomatico que ligava á Allemanha dois paizes rivaes:— a Austria e a Italia. Ninguem previa porém que tão cedo esta nação se libertasse dos seus alliados, denunciando a aliança e declarando guerra á Austria. O povo italiano electrizou-se; inflammou-se-lhe o patriotismo; vibrou-lhe na alma a idéa do *irredentismo*. A divisão do ministerio Salandra e do rei Victor Manuel veiu patentear ao mundo o supremo ideal que domina as relações e as affinidades da raça.

A Italia aspirava á reunião em familia dos seus irmãos do *Trentino*, de *Trieste* e de outras regiões onde se fala a lingua italiana, e que vivem ha muito sob o dominio austriaco.

Era sem ardente objectivo a realisação d'essa unidade nacional. Para isso recorreu primeiro á diplomacia, entrando em negociações com a Austria. Esse plano porém falhou. Surgiu então, como ultimo recurso, a declaração de guerra, para a qual toda a nação se estava preparando desde o inicio da conflagração europeia, tendo reorganizado o seu exercito, que as luctas na Tripolitana haviam deixado em estado deploravel.

Se a Italia tivesse entrado mais cedo em campanha, ter-lhe-hia talvez acontecido o mesmo que á França, que foi surpreendida pela guerra, quando se achava sem a preparação material necessaria para se defender de um inimigo poderosissimo como a Allemanha, cuja organização militar assombra o mundo inteiro, quer pelo poder dos seus engenhos de guerra, quer pela valentia e disciplina dos seus soldados.

Bem armada tanto por terra como pelo mar, a Italia vem prestar grande auxilio para o termo d'esta conflagração que tanta ruina está causando não só ás nações belligerantes como ás neutraes.

Um notavel economista calculou as despesas da guerra durante o primeiro anno, isto é até ao fim de Julho, na fantastica somma de *90 billiões de francos*, sendo 53 billiões dos alliados e 37 dos austro-allemaes.

Um curioso chegou á conclusão de que o custo da guerra, não contando as mortes, ruinas e prejuizos de toda a especie, é de 1 333.333 contos por mês; 44.444 por dia; 1.835 por hora; 30 por minuto e 500 mil réis por segundo!

E tudo isto á custa do suor do povo! Tantos sacrificios, tanta dôr, tanta fadiga, para, afinal, armar homem contra homem, nação contra nação, raças contra raças, civilizações contra civilizações.

Decididamente o homem é um ser incomprehensivel. A civilização é um mytho. A barbarie é uma realidade, palpavel, flagrante. Tinha razão o celebre Plauto quando disse que *o homem é um lobo para o homem*.

Ha apenas uma differença e é a favor do *lupus*. Este devora, mas sacia-se; ao passo que o *homo* é insaciavel.

Mas voltemos a falar da nova contenda— a Italia. Ella reivindica o Tren-



SOLDADO BRITANICO USANDO O APARELHO RESPIRATORIO CONTRA OS GAZES ASFIXIANTES

tino, não só por motivos ethnicos, mas tambem sentimentaes. Reclama tambem o littoral austro-hungaro do Adriatico, o qual possui magnificos portos.

Só na peninsula de *Istria* ha dois de grande valor commercial— *Trieste* e *Fiume*, e outro— *Pola*, que é uma excellente base naval. Ha ainda a registrar os de *Zara*, *Sebenico*, *Ragusa*, *Cattaro*, *Spalato*, etc.

Ha pouco tempo a Italia apossou-se do porto de *Vallona*, á sahida do Adriatico, por causa dos acontecimentos da *Albania*, e enviou artilharia e regimentos de *bersaglieri* para a ilha de *Sasena*. A bahia de *Vallona* é uma bella posição estrategica, abrindo-se diante da costa italiana, comprehendida entre *Otranto* e *Brindisi*.

O exercito italiano em pé de paz é composto de 12 corpos de exercito de duas divisões cada um, tendo ao todo 300.000 homens. Em pé de guerra, os corpos de exercito passam a ser 18, com effectivos de mais do dobro, podendo o total attingir um milhão de homens. Em segunda linha, como milicia territorial, conta para cima de um milhão de soldados. Quando completamente mobilizado, o exercito italiano comprehende 20 classes isto é, 9 classes de milicia permanente, dos 20 aos 28 annos; 4 classes de milicia mobil, que possuem unidades supplementares, dos 29 aos 32 annos; e 7 classes de milicia territorial, dos 33 aos 39 annos.

O exercito comprehende, ainda, como primeira guarda avançada, um soberbo conjunto de tropas de montanha, cujos soldados e equipamentos são considerados de primeira ordem.

D'elles fazem parte os famosos caçadores alpinos, recrutados entre os montanhêses das regiões fronteiriças; são soldados ousados e valorosos, habituados ás ascensões e á vida da serra, naturaes de Piemonte, de Lombardia e de Venecia. Os batalhões alpinos são 80, havendo mais 12 regimentos de infantaria ligeira, os celebres *bersaglieri*, de que cada regimento possui um batalhão de cyclistas, que opera com as grandes unidades no serviço de exploração.

A artilharia de campanha que ao principio da guerra, não estava completa acha-se agora organizada. Comprehende

30 regimentos, um por divisão, formado de 8 baterias de 4 peças ou 32 peças por cada regimento. Dois terços das peças são da casa Krupp, typo de 1906, calibre 75 e carreta protegida. O outro terço é composto de canhões franceses Deport.

Ha ainda os carabineiros, especie de gendarmes.

A esquadra italiana de combate compõe-se de 5 *dreadnoughts*: — «Dante Alighieri», «Leonardo Vinci», «Julio Cesar», Conde di Cavour e «Decilio», o primeiro com 12 e os outros com 13 canhões de 305 cada um; 6 *predreadnoughts*: — «Renato Brin» e «Regina Margheritta», cada um com 4 peças de 305; «Vittorio Emanuele», «Regina Elena», «Roma» e «Napoli», com 2 peças de 305 cada um, formando um total de 80 peças de artilharia de grosso calibre.

Ha mais 2 *couraçados*: — o «Almirante Saint Aon» e «Emanuele Filiberto»; 4 *crusadores couraçados*: — «Piza», «Amalfi», «San-Giorgio» e San Marco; tendo cada um 4 peças de 254, ou um total de 24 peças.

Ha, finalmente, 3 *crusadores couraçados*: — «Garibaldi», «Varese» e «Ferruccio», com uma peça de 203 e 7 de 152 cada um; 2 *crusadores couraçados*: — «Carlos Alberto» e «Vettor Pisani», com 12 peças de 152 cada um.

Dispõe ainda a marinha italiana, de 4 exploradores rapidos: — «Scouts», «Nino Bexio», «Quarto», «Marsala» e «Libia», além de 60 torpedeiros, 40 contra-torpedeiros e 20 submarinos. Anda por 50:000 homens o numero de tripulantes da sua bella esquadra, cujo commando foi confiado ao *Duque dos Abruzzos*.

O rei Victor Manuel tomou o commando das forças de mar e terra, dirigindo às tropas esta proclamação: — O inimigo que vos preparaes para combater, é digno de que saibaes obter a victoria. Souo a hora solemne das reivindicações nacionaes. Pertence-vos a gloria de arvorar as três corôas da Italia nas terras sagradas que a natureza nos deu como fronteiras.

O general Cadorna assumiu o commando do exercito contra a Austria.

De Pola, importantissima base naval e aerostatica austriaca, sahiram immediatamente varios torpedeiros e aeroplanos que lançaram algumas granadas em diferentes pontos, especialmente no arsenal de Veneza, que se encontra na parte oriental da cidade das lagunas e que data de 1104. O museu de Veneza contem interessantes modelos de barcos de todas as classes e restos da famosa «Bucentauro», da bateria da qual os «dux», todos os annos, no dia da Assumpção, lançavam ao mar o seu anel nupcial como signal de dominio sobre o Adriatico.

Encontram-se ali tambem uma armadura de Henrique IV, rei de França; bandeiras das batalhas de Corpe e de Lepanto; um capacete de ferro que se attribue a Attila, rei dos hunos, e outros tropheus de grande valor.

Costeando para o sul, os austriacos atacaram *Porto Corsini* e o grande porto de *Ancona*.

Levaram tambem a cabo algumas operações contra *Barletta*, cidade de 32.000 hab., a 40 km. de Bari.

Por seu lado os italianos atacaram

Porto Busa, termo da fronteira austriaca no golpho de Trieste.

Os italianos avançam ao longo da fronteira de Friuli; occupam *Caporezzo*, os planaltos entre o *Indrio* e *Isonzo*, *Cormono*, *Verza*, *Cervignam* e *Terzo*. Apprehenderam todos os navios austriacos que estavam nos portos italianos. Occupam varios pontos ao norte de *Ferrara* e *Montebaldo*, assim como na vertente norte de *Lussin* e do *Val do Inferno*.

O Papa sente-se mal seguro no Vaticano, e recebe ofertas da Espanha, que lhe patenteia o *Escorial*.

A partida das tropas italianas causou immenso jubilo em toda a nação, e em todas as colonias italianas da America. Em Paris estrondiram os vivas à Italia.

A população do Trentino recebe os invasores de braços abertos. Entretanto a Allemanha declara que não faz guerra à Italia; vae apenas auxiliar a Austria na Galicia, fornecendo-lhe tropas em substituição das que marcham contra a Italia.

A Grecia mexe-se a favor dos alliados. Ha, porém, um grande obice: — a doença gravissima do *Rei Constantino*.

Na *Rumania* e na *Bulgaria* agitam-se as massas no sentido de auxilio aos alliados latinos.

A Dinamarca e a Espanha affirmam absoluta neutralidade; mas a nossa vizinha anda algo perturbada por agitadores intervencionistas, capitaneados por *Gastão Lerroux*, cujo radicalismo lhe tem provocado alguns maus quartos de hora. O sr. *Dato* tem sido bastante cordato em ordenar a policia que proteja a pessoa do intemerato sr. *Lerroux*.

Na lucta naval italo-austriaca afundou-se o destroyer italiano «*Turbina*», ficando avariados os destroyers austriacos «*Czepel*» e «*Heligoland*», bem como o torpedeiro «*S 80*», o destroyer «*Sharfschnatz*» e o explorador «*Anvara*».

A maior perda austriaca é a do *dreadnought* «*Tegthof*», que foi seriamente avariado.

Nos Dardanellos prosegue a invasão

dos alliados, que desembarcaram na península de Gallipoli, apoiados pela poderosa esquadra.

O «*Leon Gambetta*», navio francês que ha tempos foi a pique, encerrava o thesouro da guerra da esquadra, na bella somma de dois milhões de francos, que foram ao fundo.

Agora ha a registrar as importantes perdas dos couraçados ingleses *Triumph* e *Majestic*, mettidos a pique, e do couraçado *Agamemnon*, muito avariado, nos Dardanellos, tendo morrido grande parte das respectivas tripulações.

De Gibraltar partem algumas unidades que vão preencher as perdas soffridas.

A empreza arrojada dos alliados tem-lhes custado incalculaveis sacrificios.

Um submarino inglês conseguiu entrar no mar de Marmara, afundando um navio turco com tropas e munições, e um contra-torpedeiro, e indo depois torpedear um transporte no proprio arsenal de Constantinopla!

A Inglaterra lucta com unhas e dentes para a defesa do seu dominio maritimo. Tem dois milhões d'homens a fabricar munições e conta mais de oito milhões d'homens capazes de pegar em armas.

Pela primeira vez na sua historia, a Inglaterra organizou um governo de concentração, verdadeiro ministerio nacional assim constituido:

Primeiro ministro, *Asquith*; ministro sem pasta, *Lansdown*, Lord chancellor, *Sir Stanley Buckmaster*; Presidente do concelho privativo *Crewe*; ministros da justiça, *Curzon*; finanças, *Mackenna*; interior, *Sir John Simon*; negocios estrangeiros, *Sir Edward Grey*; colonias, *Bonar Law*; Secretario da India, *Austen Chamberlain*; guerra, lord *Kitchener*; das munições de guerra, *Lloyd George*; primeiro lord do almirantado, *Balfour*; commercio, *Runciman*. Local government; boardlong do ducado de Lancaster, *Winston Churchill*; secretarios da Irlanda, *Burell*; da Escocia, *Mac Kimori Wood*; agricultura, *Selborne*; commissario das obras publicas, *Harcourt*; instrucção publica, *Henderson*; attorney general, *Sir Edward Curson*.

A lucta prosegue renhida a leste e a oeste. Os austro-allemaes batem ás portas de *Przemysl*!

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA

Folhas soltas

«Na estrada da vida»

Venho hoje fallar de um livro que não conhecia, e que o seu auctor teve a gentileza de me offerecer. Trata-se de um romance de duas infelizes e que o auctor sr. *Eduardo Quintella* poz o nome «*Na estrada da vida*».

Diz o sr. *Quintella*, no prefacio, que é uma obra de *moralidade e de educação que procura encetar*; eis uma forma de pensar que nem todos possuem, n'esta epoca onde todos fazem gala de pensarem exactamente o contrario!

«*Na estrada da vida*» é uma obra que vem desvendar uma serie de verdades que todos deveriam conhecer. Todas as paginas revelam qualidades de fino escriptor e de profundo analysta. As sce-



CÃO PERTENCENTE À CRUZ VERMELHA ALEMÃ, EQUIPADO CONVENIENTEMENTE PARA O SERVIÇO DA GUERRA

nas mais realistas são expostas pela penna de um verdadeiro escriptor, que não procurando a descripção rude, antes pelo contrario a matysa com um estylo arrendilhado e cheio de encanto.

O capitulo sobre a *cocotte* é um estudo que se lê com immenso agrado, existem n'aquelles periodos profundas verdades que todos deveriam ler.

Como este, apontaremos. *Por maus caminhos, as más companhias, a tolerancia, a miseria, o vicio e a doença*, paginas onde se desvendam casos da vida, e que o auctor, aliaz com um nobre intuito, soube expor com raro estudo e nitida analyse psychologica, não lhes faltando o menor detalhe.

Livros como este devem ser lidos com a maxima attenção, pois da sua leitura nasce em a nossa alma momentos salutaes. E' uma obra pacificadora, e não será já uma grande qualidade no meio de tanto lódo. que apparece por ahi?

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Concerto de Ruy Coelho



RUY COELHO

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do «Occidente»

Excelentissimo Senhor :

Em resposta ao amavel pedido de V. Ex.^a parece-me o mais oportuno mandar-lhe alguns fragmentos duma carta que recebo neste instante em que, uma antiga e brilhante discipula minha, hoje tambem illustre escritora (e auctora do delicioso livro «Portugal para os pequenos»), que assistiu ao concerto de Ruy Coelho, expontaneamente me diz :

«Meu querido A. Rey Colaço :

Vimos para casa *enthusiasmados* com o Ruy Coelho!

— O preludio e fuga de Bach-Busoni, foi magistral, não foi? — Eu tive a impressão de que elle realçou absolutamente cada phrase; e foi tocando aquillo n'um crescendo de intensidade, de vi-

gor, de força e de riqueza, até chegar a uma explosão deveras admiravel! E ao mesmo tempo sem alterar a austeridade absoluta de Bach.

A composição d'elle é finissima e delicada, com modulações que muito agradam ao ouvido. — Mas sobretudo o que mais me enthusiasmo foi a maneira portentosa como elle tocou a sonata de Liszt! — Parece-me cheio de individualidade; e depois de nos espantar com a immensa technica, delicia-nos com a suavidade sentido das phrases *dóces*, e faz-nos vibrar a valêr com a paixão d'outros periodos!... — Gostei immenso, immenso de todo o programma, mas o Bach-Busoni e Liszt encheram-me de tal enthusiasmo que só posso dar-lhe os meus bem sinceros parabens pelo seu discipulo; e gosar desde já como portuguez, que haja um portuguez tão novo ainda e já tão talentoso... — Foi uma noite absolutamente artistica e deliciosa...»

Pouco posso acrescentar a estas palavras. Tenho grande fé e esperanza no futuro de Ruy Coelho... Que o Portugal novo se regosije, aplauda... e espere: Não está ainda nem sêco nem infecundo, o sólo que produz flôres d'essas!...

De V. Ex.^a

Mt.^o Att.^o V.^{or} e Obg.^{do}

ALEXANDRE REY COLAÇO.

Lisboa, 28 de Maio de 1915.



ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

— Nas minhas horas de tristeza a sua imagem consolava-me. Deus deu-lhe um grande don. Uma alma pura que espalha luz e bondade; é por isso que os pobres a adoram.

— O primo está dizendo coisas!

— Seja como quizer, digo o que sinto. Já deve ter sabido que estive em casa dos Millans...

— Já sei, como o primo foi bom para mim e para os meus!

— Myrto, isso pouco vále; tive um grande praser em conhecer essa casa onde viveu tantos annos, essa boa gente tão sua dedicada. Têm uma viva admiração por si, e estou encarregado, de lhe dar muita saudades. O Joãozinho disse me que viria para a ver. E' muito engraçado, fez-me lembrar o meu pequeno...

Novamente a phisionomia do principe ficou toldada. Myrto finamente soube afastar taes ideias do pensamento de Milcza. Quando a condessa e as filhas entraram, encontraram o principe encostado ao fogão, ouvindo com interesse a narrativa de Myrto, com respeito ás ideias «demotricas» do genro da sr.^o Millan.

Myrto poude analysar, que differença o principe fazia de que era antigamente.

Apenas para Irene elle conservava um certo aspecto altivo. Renato, despertava no principe um certo affecto especial. Milcza chamou-o e disse-lhe risonho:

— Vou-me ocupar agora de ti, Renato, quero que sejas um homem serio, digno do nome que tens.

Renato beijou-lhe a mão, e a condessa balbuciu:

— Mas... é uma grande massada para ti, ainda tem idade de eu poder...

— Fique tranquilla, minha mãe. Não renovarei os castigos que lhe dava antigamente, a não ser que elle pratique coisas graves, o que não quero crêr. Por isso estou disposto a trata-lo com doçura; tens medo de mim, Renato?

— Um pouco... respondeu Renato.

— Que tolice! disse Milcza fazendo-lhe festas, havemos de nos dar perfeitamente, não é verdade, Myrto?!

— Tenho a certeza d'isso.

A condessa não ficou muito persuadida, mas não ousou protestar.

Estava sim admirada das declarações do filho.

A sala dos Banquetes estava magnificamente illuminada, flores cobriam a mesa guarnecida de maravilhosas louças de Sevres, crystaes, pratas trabalhadas etc.

Myrto ia sentar-se modestamente no fim da mesa junto a Rosa e das pequenas, como era costume em casa da condessa Zolanyi, quando o primeiro creado de mesa disse:

— O lugar da sr.^a Myrto é aqui... o creado annunciara o jantar e a condessa pelo braço de seu filho mais velho perguntava:

— Mas não o mettes no collegio?

— Não, minha mãe, não esteja ralada. Apenas digo que deve ser guiado por mão masculina.

Myrto vendo que o seu logar era á direita da principe Milcza, tem uns segundos que não sabia o que havia de fazer.

Não se enganaria o creado? E a condessa não ficaria zangada?

Terka ficou á esquerda de seu irmão e Irene um pouco tristonha á direita da mãe.

Como estava mudado o principe!

Fallava animadamente, contando impressões de Paris, das visitas, dos bailes, dos concertos e das peças de theatro.

A conversa cahiu sobre a viscondessa de Soliers que o principe salvára.

— As raparigas nunca têm medo de nada. A viscondessa escolheu um cavallo pouco manso, o que é sempre uma improdencia.

— A sr.^a Soliers é uma mulher intelligente, disse a condessa.

— E', falla bem e tem espirito.

Gosta muito de musica e canta menos mal; para as pessoas que gostam das senhoras da sociedade é muito agradável. Ella e o pae, disseram me que viriam aqui, para prova de gratidão, pois pois visitam a Austria e desejam visitar nos.

Terka acrescentou:

— Não deverão esquecer-se, pois salvou-lhe a vida.

— Decerto, a gratidão é uma grande virtude, e nunca a comprehendí tão bem; o principe olhou para Myrto. Esta corrou um pouco e não reparou no olhar que lhe lançou Irene. Apenas Milcza,

bem compreendeu o gesto da irmã, ficou uns instantes silencioso e quando precisava fallar com Irene a sua voz tornava-se rude e glacial.

XIV

A mais velha das jovens condessas era aquella que não tinha muita afeição pela sua parente Myrto—isto, por causa de um incidente que poderia ter as mais graves consequências.

Alguns dias depois da chegada do principe Milcza, Terka, sua prima e Mitzi; voltavam de um passeio pelo parque quando de um canteiro sahio um homem que se lançava sobre Terka, tentando feri-la com uma fâca. Era um doido que conseguiu fugir do hospital de Voraczy.

Myrto com uma coragem extraordinaria, pensou desviar o golpe que ia para a prima, recebendo o no braço.

Um guarda que vinha procurando o doido, chegou a tempo de o agarrar. Myrto pelo braço de Terka pde entrar no castello, mas logo na primeira sala perdeu os sentidos pela emoção soffrida.

O principe e a mãe mandaram logo chamar o Dr. Hedai, felizmente a ferida não tinha gravidade. A phisionomia angustiosa do principe mudou-se um pouco, apoz a declaração do medico e beijou a mão de sua prima murmurando:

— Cada vez se eleva mais em o meu espirito.

A condessa agradeceu penhorante, e Terka não sabia como lhe agradecer tal prova de dedicação.

Myrto, tornava-se cada vez mais em Voraczy uma pessoa de importancia, sem que a sua simplicidade e modestia fossem alteradas. Não queria substituir Rosa, mesmo o principe tinha dito a Myrto.

— Se quizer dar lição de violino, e ser leitora de minha mãe, da melhor

vontade, enquanto ao resto, não consinto; minha mãe é da mesma opinião.

— Sim, disse a condessa, desejamos considera-la como uma quarta filha...

— São muito bons para mim, mas que fiz eu?

(Continua)



«O Occidente» das Creanças

NO MÉS DOS NINHOS

Dois gaôtos de aldeia, sujos, esfarrapados, os pés nus... Na amplidão dos campos ao ar livre, o sol robusteceu-os e queimou-os, dando lhes a côr bronzeada dos antigos gregos. Cresceram e medraram, como os gigantes castanheiros do souto, á chuva e ao vento, ao calôr e ao frio, vergastados pelas intemperies, curtindo lazeiras, rilhando côdeas pelo caminho fora...

Desde pequenitos seguiram os paes na lavoura. E guardam rebanhos e levam os bois a bebêr, e correm atraz das canas dos foguetes pelas romarias, e fogem á palmatoria do mestre-rehio, e atiram o pião na rua—e tambem de vez em quando apanham uma tarefa, «para saberem o que custa a vida...»

São crescidotes. Onze dôse annos, pelo menos. E espertos. Não ha quem os engane lá na aldeia. E valentes. Elles sósinhos correram á pedrada num dia de feira, todos os outros rapazes. Só teem mêdo das cabras... eu bem sei porquê.

Foi o anno passado, como agora, pelo tempo dos ninhos. Tinham encontrado um lá em cima dum pinheiro—e era de rôla.

Mas para lhe chegar?

O enorme pinheiro nascêra amparado a um muro e nunca o largavam braços de silvas.

E era na coruchinha, de mais a mais... Um belo dia ficaram ambos a rodar por alli, á espreita de occasião.

Haviam de trazer, cada qual, a sua rolinha nova. Pois não se ouvia muito baixinho, piar?

Toca a subir. O mais forte. O outro ficava em baixo para o que desse e viesse.

Aquelle raio das silvas...

Tambem de alguma coisa servia o podão que segurava nos dentes. E tinha de cortar a valêr...

De vagar, com mil precauções, o garôto foi desenhando e subindo.

Fazia um calôr de rachar e as gordurosas bagas de suor manchavam-se de sangue que lhe espirrava da testa, onde havia mais do que uma cruz de cicatrizes...

'Tão isso vae ou não vae, oh! Zê?

O que trepara via-se frequentemente enleado nos braços das silvas altas. E aquelles espinhos duros picavam que eu sei lá...

Em bamboleios de macaco e difficeis equilibrios de gymnastica por instincto, lá ia, lá ia...

E de cá de baixo tornava-lhe o outro: 'Tão isso vae ou não vae?

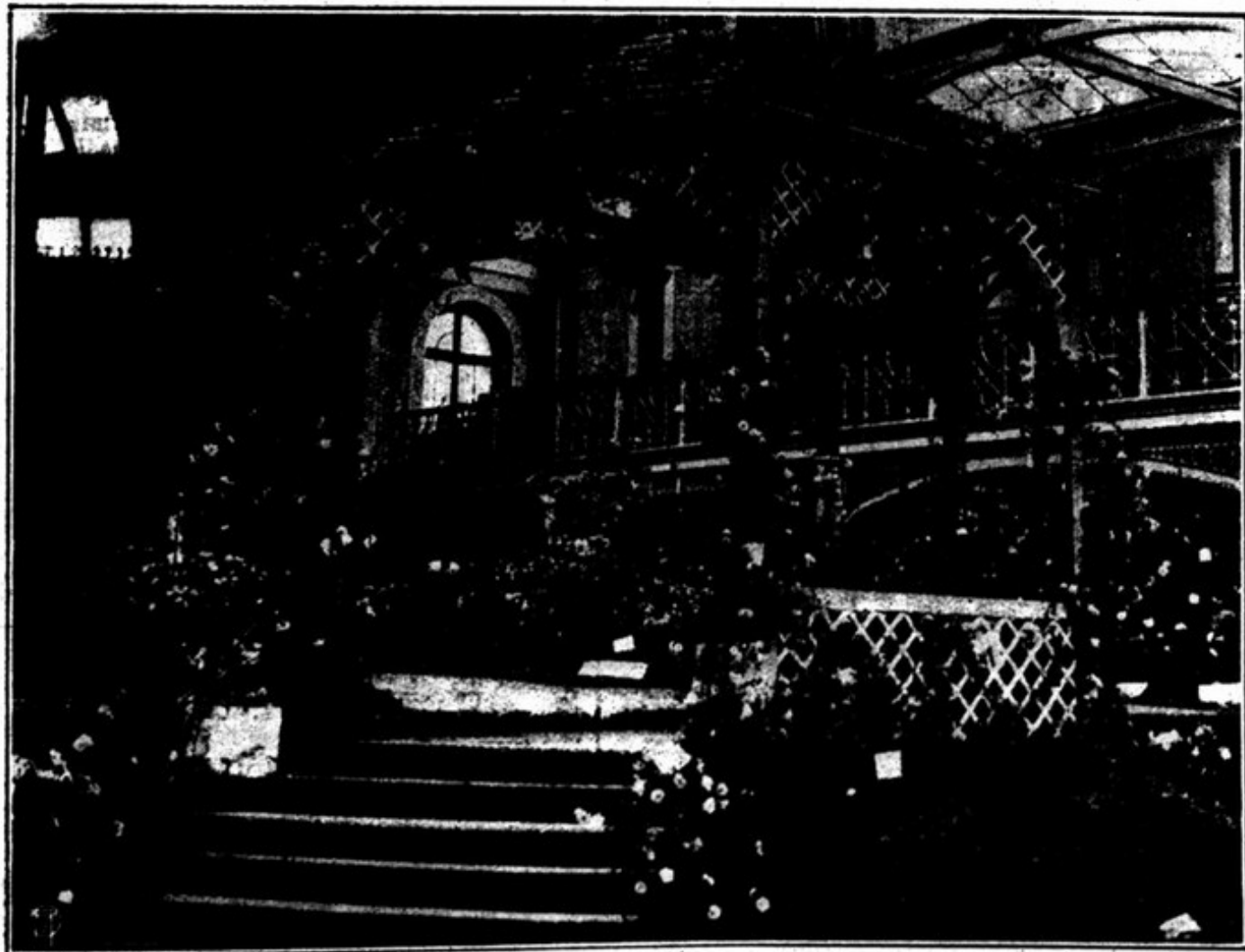
Quasi no mesmo instante, lá em cima a dois metros do tronco livre de empelhos, soou um grito. O rapaz brandia a fouce contra um inimigo invisivel,

Depois, tão lésto como um gato, deixou-se escorregar, encolheu-se todo, e formando um pulo, veio cair mesmo ao pé do companheiro assustado...

E pernas para que vos quero; deitaram ambos n'uma corrida doida. Quando fizeram alto, esbaforidos, o roubador de ninhos, olhando o seu cumplice, só tem que lhe dizer estas palavras de terror:

Trago os cabellos em pé... Se tu visses... enorme... Até os olhos faziam lume...

M. A. S.



EXPOSIÇÃO DE ROSAS NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO
Pavilhão dos horticultores portuenses srs. Moreira da Silva & Filhos, premiado com medalha d'ouro.

CURSO INTERNACIONAL

Largo do Caldas, 1, 2.º

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crystalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que desejarem e podendo permanecer das 9 ás 5 — Pensionistas a 1\$8000 e 3\$0000 réis mensaes.

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 -- Largo de S. Roque -- 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado

que
por completo
tira a caspa

evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral
RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Capas especiaes

PARA

ENCADERNAÇÃO DO "OCCIDENTE"

Em percalina cor de castanha e dourado a ouro fino

Ha capas para todos os anos do «Occidente» ao preço de 800 réis cada. Capa e encadernação 1\$200 réis.

Enviem-se pelo correio franco de porte. Volumes do «Occidente» para completar coleções, vendem-se encadernados ou em brochura.

Pedidos á Empresa do "Occidente"

Largo do Poço Novo — Lisboa

Livraria Inglesa

DE

M. LEWTAS & TABOADA

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios para presentes de creanças, livros de estudo ingleses para todas as classes adoptados nos lyceus.

Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis

Sortimento de guarda-chuvas, bengalas sombrinhas, tudo a preços limitados

138, R. do Arsenal, 144

O TESOURO DO CABELO

À venda nas farmacias e drogarías etc.

Deposito geral: **SANTOS & SILVA VIEIRA**

Rua da Boa Vista, 16 — LISBOA * Telefone n.º 2.492

E' o unico que cura as doenças que fazem cair o cabelo e extermina a caspa. Numerosos atestados de medicos, farmaceuticos, etc., comprovam os seus efeitos. Frasco 1\$000 réis — 1/2 frasco 600 (Franco de porte para o continente e ilhas, enviando a importancia)

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

GRAND PRIX - O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1904

CONTRA A DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro nas exposições de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem 1888, Amers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.ª

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franco

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido provedor das pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças ao organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.ª

DEPOSITO GERAL

RUA DE BELEM, 147 - LISBOA